

Open Access

FORMAÇÃO ESPORTIVA NA GINÁSTICA ARTÍSTICA MASCULINA: OPINIÃO DOS TREINADORES DO SERC SANTA MARIA / AGITH SÃO CAETANO DO SUL

Hugo Lopes de Oliveira¹, Paulo Daniel Sabino Carrara^{2*}, Myrian Nunomura³

Resumo: No Brasil, a Ginástica Artística Masculina vem ganhando cada vez mais visibilidade no cenário esportivo nacional e internacional, visto as conquistas relevantes dos ginastas brasileiros em Jogos Olímpicos e em campeonatos mundiais. Diante desse cenário, o objetivo do presente trabalho foi descrever e analisar o processo de formação esportiva da Ginástica Artística Masculina de uma instituição reconhecida no país e que tem destaque em todas as categorias na modalidade, com resultados expressivos como a primeira medalha olímpica da modalidade, cujo ginasta foi formado nesta instituição. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com três treinadores que trabalham com todas as categorias da instituição. Para o tratamento dos dados, aplicamos a técnica de Análise de Conteúdo, a qual gerou quatro temas: (i) Organização; (ii) Seleção de talentos; (iii) Sistema de planejamento de treino; (iv) Escola e Família. Em relação à organização da instituição (i), observamos que o clube é mantido por verbas públicas e pelo apoio da Associação de Pais (AGITH), o que viabiliza recursos essenciais para a infraestrutura física e humana do ginásio e manutenção do clube. A Seleção de talentos (ii) ocorre por meio de dois testes de seleção anuais, o que viabiliza novas oportunidades para talentos ainda não presentes. As turmas são divididas por idade e não há avaliação formal para a progressão destes ginastas. O Sistema de planejamento de treino (iii) foi o ponto de maior importância para o sucesso do trabalho de formação, com a divisão em etapas. No tema Escola e Família (iv), a participação direta dos pais com o trabalho desenvolvido na instituição por ser parcialmente mantida por eles. Além dos direcionamentos para obter os resultados que o clube conquistou, consideramos que esse estudo poderá lançar luz sobre novas possibilidades e pesquisa sobre a formação de ginastas e, principalmente, elucidar a importância da formação de base para o desenvolvimento de futuros ginastas para o alto rendimento.

Palavras-chave: Ginástica; Treinamento; Instalações Esportivas e Recreacionais; Análise Institucional

Afiliação

¹ Faculdade de Educação Física - UNICAMP; ² Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP; ³ Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP.

* Autor correspondente: paulocarrara@usp.br

SPORTS TRAINING IN MEN'S ARTISTIC GYMNASTICS: OPINION of SERC SANTA MARIA / AGITH SÃO CAETANO DO SUL COACHES

Abstract: In Brazil, Men's Artistic Gymnastics has been gaining more visibility on the national and international sporting scene due to the latest relevant achievements of Brazilian gymnasts in the Olympic Games and world championships. Given this scenario, the objective of this work was to describe and analyze the process of sports training in Men's Artistic Gymnastics at a recognized institution within the country, and which has been gaining prominence in all categories in the sport, with significant results such as the first Olympic medal in this discipline, whose gymnast spent all his training at this institution. Data collection was carried out through semi-structured interviews with three men coaches who form all categories of the institution. Data processing was carried out using the content analysis technique, which originated themes related to four areas: (i) Organization; (ii) Talent selection; (iii) Training planning system; (iv) School and Family. Regarding the organization of the institution (i), we note that the club is maintained by public funds and has support from the Parents Association (AGITH), which provides essential resources for the physical and human infrastructure of the gym and maintenance of the club. Talent selection (ii) takes place through two selection tests per year, which provides new opportunities for talents not yet present. The training planning system (iii) was the most important point for the success of the training work, with its division into stages. In School and Family (iv) the direct participation of parents in the work carried out in the institution as it is partially supported by them. In addition to the directions to obtain the results that the club achieved, we believe that this study could shed light on new possibilities and research on the training of gymnasts and, mainly, elucidate the importance of basic training for the development of future gymnasts for high performance.

Key words: Gymnastics; Physical Education and Training; Sports and Recreational Facilities; Institutional Analysis

Introdução

A Ginástica Artística (GA) é uma modalidade esportiva predominantemente técnica, que exige muitos anos de preparação e dedicação.^(1, 2) A característica principal da modalidade é a execução de diversas ações motoras em que se conjugam a coordenação motora e a força muscular⁽³⁾.

No Brasil, apesar de não haver um sistema esportivo que apoie a formação de ginastas e de treinadores em longo prazo⁽⁴⁾, a exemplo de países como Canadá, Austrália, Rússia, Grã-Bretanha, nosso país vem crescendo no cenário internacional. Algumas ações favorecem os resultados internacionais do país, como a construção de centros esportivos modernos e a aquisição de aparelhos modernos e o acompanhamento de equipe multidisciplinar composta com psicólogos, nutricionistas, médicos, entre outros⁽⁵⁻⁷⁾. Entretanto, parece haver contradição do país em investir desproporcionalmente no alto nível, comparado às categorias de base, o que levaria à falta de renovação de ginastas na elite⁽⁶⁾. Para muitos países, as categorias de base caracterizam-se como a porta de entrada em direção ao profissionalismo, quando jovens são treinados desde a infância até a idade adulta, com possibilidades de participar em competições nacionais e internacionais⁽⁶⁾.

Sobre a qualificação e as competências necessárias aos treinadores de GA, infelizmente não são atendidas nos cursos superiores de Educação Física⁽⁴⁾. Mas, apesar de não haver programas específicos para a formação de profissionais que desejam atuar em diversos níveis da modalidade por parte das Federações Estaduais e da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), algumas poucas iniciativas vêm acontecendo^(6, 7).

Como iniciativas pontuais para subsidiar a atuação de treinadores, podemos citar a elaboração do Regulamento Técnico da Ginástica Artística Masculina (GAM), que vem melhorando com o passar dos anos e pode ser visto como benéfico ao desenvolvimento dos ginastas, pelos resultados que a GAM brasileira vem conquistando. Entretanto, um processo de formação esportiva orientaria os profissionais no planejamento, na execução e na avaliação de um treinamento sistematizado e progressivamente adequado, desde os primeiros passos até a preparação para adentrar no alto rendimento⁽²⁾.

Para ressaltar os benefícios do processo de formação esportiva de longo prazo, o presente trabalho elucida o estudo de caso da instituição Serc Santa Maria/Agith – São Caetano do Sul na visão dos treinadores, pois se trata de uma referência importante para profissionais que desejam desenvolver atletas para o alto rendimento na GAM. A instituição é

uma daquelas de maior expressividade em desempenho e resultados da modalidade na categoria adulta⁽⁸⁾, mas também desenvolve e tem obtido resultados nas categorias de base.-

O destaque da instituição é o desenvolvimento de atletas que compuseram e, atualmente, compõem a seleção nacional da GAM com cinco ginastas na categoria adulta, e por terem conquistado diversos resultados internacionais, inclusive, a primeira medalha olímpica e de ouro da modalidade, em Londres 2012, e a prata no Rio 2016. Devido à consistência do trabalho na instituição, devemos ressaltar que o atleta campeão olímpico e finalista em 2020/21 começou sua carreira esportiva no clube Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul e permanece até os dias de hoje, sempre sob a supervisão do mesmo treinador, há mais de 25 anos.

É importante destacar também que o trabalho não restringe a esses grandes resultados e somente com este atleta, pois, muitos outros atletas que defendem outras instituições vêm se projetando e fazem parte da seleção brasileira, foram formados até a categoria adulta nesse clube. Além disso, muitos atletas do país também procuram o clube Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul, pois queriam ingressar nas equipes da instituição. Atualmente, o clube atende aproximadamente 298 crianças, entre as escolinhas e as equipes de rendimento, tanto no masculino quanto no feminino. A instituição também tem colocado atletas na seleção infantil, juvenil e adulta, e vem obtendo resultados expressivos em campeonatos internacionais nessas competições⁽⁹⁾.

Assim, o objetivo do presente artigo é descrever o processo de formação esportiva de ginastas de alto nível a partir da experiência de treinadores da modalidade.

Materiais e Métodos

Este estudo foi de natureza qualitativa, para desvelar e analisar a formação de base do clube Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul e seus principais protagonistas. Segundo Cervo e Bervian⁽¹⁰⁾, a perspectiva metodológica qualitativa caracteriza-se pela correlação e análise das informações coletadas no seu contexto real em que elas se inserem, o que permite o aprofundamento em seus significados particulares e sem a perda de referência da rede complexa em que se envolve o tema. Sendo assim, o presente estudo descreveu e analisou as informações fornecidas pelas entrevistas com os treinadores.

Participantes

Essa pesquisa foi realizada no Clube Serc Santa Maria/AGITH que está localizado no estado de São Paulo, na cidade de São Caetano do Sul e contou com a participação de três treinadores da modalidade de GA do Clube Serc Santa Maria, os quais se encaixaram nos critérios propostos pelo estudo. Os critérios para a escolha dos participantes foram: treinadores que trabalham ou trabalharam na instituição por mais de quatro anos na formação de base da GAM.

Foram realizadas entrevistas previamente agendadas com os participantes, de acordo com o melhor horário e local de conveniência deles e todas foram gravadas por uma mídia digital com a devida autorização dos participantes. A duração média das entrevistas foi em torno de 1h. Os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEPUNICAMP) (CAAE:16529219.8.0000.5404).

Técnica de Coleta de Dados

O estudo levantou alguns indicadores do processo de formação esportiva em longo prazo na GAM por meio de entrevista semiestruturada e contou também com outras fontes de dados como os registros relacionados ao planejamento e execução do treinamento e competições (anotações, avaliações etc.), além do depoimento (entrevista) dos treinadores.

Em relação às entrevistas, foram realizadas três interações com cada participante, conforme a disponibilidade dos entrevistados, sendo as mesmas transcritas do áudio para documento digitalizado no Word na sequência para posterior análise dos dados.

Para obter densidade nos depoimentos, foi realizada uma entrevista semiestruturada⁽¹¹⁾ com cada participante, e o roteiro norteador nos permitiu maior variação durante a sua aplicação. Este tipo de entrevista nos permite mais liberdade, tanto para o entrevistado como para o entrevistador⁽¹²⁾, ou seja, o entrevistado falou sobre o tema questionado sem se prender às questões formuladas.

O fato permite ao pesquisador obter informação aprofundada do seu objetivo de estudo, que fornece uma visão ampla do tópico e a movimentação intelectual adequada das circunstâncias em que se apresentam⁽¹¹⁾. Exemplos das questões utilizadas nas entrevistas: “Como a instituição se organiza?”, “Como é o processo de seleção do atleta para entrar nas turmas?”, “Como você escolhe a competição para cada categoria?” e “Existe algum tipo de

apoio financeiro para a equipe?” Foi realizada uma entrevista piloto com o treinador da Ginástica Artística Feminina (GAF) do clube Serc Santa Maria/AGITH a fim de avaliar os passos para esta pesquisa e a familiarização do pesquisador com o instrumento a ser utilizado.

Técnica de análise dos dados

Utilizamos a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (p.38)⁽¹³⁾ como: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. De acordo com a mesma autora a análise passa por três polos cronológicos: 1) A pré-análise; 2) A exploração do material; 3) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A partir do recorte do discurso foram inferidas as subcategorias, que por sua vez foram agrupadas dentro dos temas de interesse da pesquisa.

Resultados e Discussão

Os resultados e a análise dos dados coletados no estudo partiram da interpretação e diálogo com a literatura. Ainda, encontra-se a síntese dos resultados e a apresentação da visão sobre os motivos e os impactos da atuação de treinadores no sistema de formação esportiva. Os três homens entrevistados têm idade $41,33 \pm 7,63$ anos. Para a melhor identificação dos participantes nas entrevistas, os mesmos foram nomeados com as siglas: TR1=Treinador um; e assim por diante. Os temas Formação Profissional, Organização da Instituição, Seleção de Talentos, Planejamento de Treino e Escola e Família foram apresentados em quadros com a descrição de suas subcategorias.

Formação Profissional

A seguir, apresentamos dados sobre o perfil dos três treinadores entrevistados, nos quais foram abordados a formação profissional, a organização da instituição, a seleção de talentos, o planejamento de treino, o sistema de treino, a escola e família. No Quadro 1, são apresentadas as respostas dos treinadores sobre o tema formação profissional.

Quadro 1. Formação Profissional na opinião dos Treinadores

Subcategoria	Recorte do Discurso
Graduação	TR1 – Primeiro universitária. TR2 – professor de Educação Física formado pela Unesp de Bauru.

	TR3 – eu me formei em Educação Física Licenciatura e Bacharelado.
Pós-graduação Lato Sensu	TR1 – fiz uma pós-graduação em treinamento desportivo, uma pós-graduação em fisiologia e uma pós-graduação no COB. TR2 – Pós-graduação na Unicamp em Pedagogia do Esporte Escolar; Iniciação Esportiva na Infância e Adolescência TR3 - eu comecei mais acabei não terminando a pós-graduação em Treinamento Desportivo.
Aprendizado Técnico	TR1 – eu fiz curso técnico, vários cursos técnicos em ginástica artística feminina e alguns em masculino. TR2 – eu tentei ser atleta e depois fui para o lado da arbitragem e cheguei a nível internacional, participando de competições de super alto nível. Participei de um congresso das universidades que é o Sigarc com a palestra do Keith Russel, e durante o tempo na Agith eu tive a oportunidade de participar de um curso do Comitê Olímpico Brasileiro... TR3 – fui ginasta por mais de dez anos, ginasta de alto rendimento e competi por São Caetano do Sul. Fiz vários cursos. Os cursos que apareciam em São Paulo não eram muitos e agora que estão tendo mais cursos de especialização tudo, mas tempos atrás não tinham muitos cursos de ginástica era mais aprender no dia a dia mesmo.
Experiência em São Caetano	TR1 – eu fui para o Serc em 1998. TR2 – eu trabalhei em São Caetano cinco anos de 2013 à 2018. TR3 – eu trabalhei de janeiro de 2010 a dezembro de 2016.

Os treinadores entrevistados concluíram o nível superior em Educação Física e complementaram a formação com curso de pós-graduação, cursos técnicos específicos e de especialização, cursos de arbitragem internacional, além da participação em congressos científicos e cursos do Comitê Olímpico Brasileiro, o que demonstraria qualificação técnica aprofundada, e posicionaria o Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul entre os principais centros de treinamento do país.

Tendo em vista que os cursos de Educação Física no Brasil possuem disciplinas voltadas para o treinamento e a preparação esportiva, podemos ver que todos os entrevistados buscaram se especializar em alguma área relacionada especificamente ao treinamento esportivo. Isto corrobora a qualificação profissional dos profissionais em geral envolvidos no

esporte, não obstante os treinadores também serem peças-chaves neste processo e, ao passar dos anos, se qualificarem em torno das práticas esportivas as quais estão inseridos.

Bettanim *et al.*⁽¹⁴⁾ destacam que a experiência pessoal como atleta e/ou membro de comissões técnicas agrega ao conjunto de competências adquiridas na academia e resultam em conhecimentos técnicos e táticos que se somariam às competências como tomada de decisão, criatividade, versatilidade, liderança, relacionamento interpessoal, organização e capacidade de motivar.

Apesar das poucas iniciativas para a formação específica de treinadores e, em especial para os cursos de formação de treinadores em GA⁽¹⁵⁾, os entrevistados buscaram conhecimentos técnicos em alguns cursos específicos.

O TR1 relata que fez o curso da Academia Brasileira de Treinadores⁽¹⁶⁾. Este curso foi desenvolvido pelo Comitê Olímpico do Brasil, cujo objetivo é complementar a formação de profissionais interessados em atuar como treinadores na dimensão do esporte de alto rendimento, e a GA fez parte somente da primeira edição. Este curso⁽¹⁷⁾, é dividido em duas áreas de concentração: desenvolvimento para treinadores que atuam na iniciação esportiva; e aperfeiçoamento esportivo para treinadores que buscam resultados expressivos e excelência no esporte. Este curso disponibiliza aulas presenciais e a distância, estágio nacional e internacional⁽¹⁷⁾. Ainda nesta vertente, o COB intitulou o Curso Básico de Gestão para Treinadores com a intenção de desenvolver habilidades e competências para atuarem no planejamento, gestão de pessoas e finanças. O formato deste curso é totalmente à distância, por meio de vídeo aulas e conteúdo escrito⁽¹⁷⁾.

Ainda, a Federação Internacional de Ginástica (FIG) oferece um programa de aperfeiçoamento para treinadores *FIG Academy*. Esse programa consiste em três níveis de treinadores, e fornece disciplinas teóricas e práticas, com todo curso direcionado para a GA⁽¹⁸⁾. Não houve menção deste curso por nenhum dos treinadores. Porém, consta na plataforma da *FIG Academy* que o entrevistado TR1 participou dos três níveis do programa⁽¹⁹⁾. Este curso da FIG é direcionado ao treinamento sistemático de ginastas para alto desempenho⁽¹⁸⁾, talvez por esse motivo o TR1 não o tenha relacionado ao período de formação esportiva, foco deste trabalho.

Quanto ao início das atividades profissionais, observamos que os treinadores possuem uma vasta experiência profissional. O tempo de atuação está entre 5 a 23 anos na instituição. Porém, TR2 e TR3 têm experiência como atleta, e posteriormente passaram a serem treinadores. Os dados corroboram aqueles de Brasil *et al.*⁽²⁰⁾, pois citam que o início na

carreira de treinador tem influência das suas primeiras experiências esportivas e do ambiente no qual foram introduzidos desde criança.

Organização da Instituição

Os profissionais entrevistados são referência na modalidade e obtiveram resultados nacionais e internacionais⁽⁶⁾, pois um deles formou um ginasta duas vezes medalhista Olímpico⁽⁸⁾, e compartilhava seu conhecimento para direcionar os demais treinadores. Dentro desta estrutura esportiva, há necessidade de profissionais que assumam o papel na gestão e administração, de modo que orientem e conduzam recursos e pessoas de forma eficiente e visem sempre aos melhores resultados ⁽²¹⁾. O Quadro 2 apresenta a visão dos treinadores sobre a organização administrativa e gestão da instituição.

Quadro 2. Organização da Instituição na opinião dos Treinadores

Subcategoria	Recorte do Discurso
Suporte Financeiro Serc Santa Maria	TR1 – É o clube que faz o repasse direto para as modalidades e, nós temos que representar um clube e por isso nós representamos o Serc Santa Maria. Então, o Serc Santa Maria é só a via de entrada das verbas e com isso nós temos uma Associação de Pais, que já existia quando eu cheguei no Serc. TR2 – folha salarial e essas coisas são pagas pela prefeitura através do Clube Serc Santa Maria. TR3 – A prefeitura repassava o dinheiro, assim eles tinham a parte de clube e recreação. O nosso ginásio ficava dentro do Serc Santa Maria então eles tinham, acho que o Serc tinha uma verba por questão de recreação e lazer, alguma coisa desse tipo para manter os funcionários e professores disso.
Suporte Financeiro AGITH	TR1 – O Agith que é a Associação de Pais Di Thiene... Ela se mantém com o auxílio da mensalidade que os alunos pagam, que é uma mensalidade risória. Ela é uma entidade sem fins lucrativos, então ela não tem caixa e todo o caixa que ela tem, tem que ser utilizado em alguma ação em prol dos ginastas, dos atletas, dos atletas não, mais sim de quem participa do Agith. E a partir dos resultados ela começou a olhar mais para o alto nível porque, ela não

	tinha tanto alto nível no ginásio, eram poucos, mas ela se mantém com essa mensalidade que os alunos pagam. TR2 – o Agith é a associação de pais que cobra esta mensalidade que tem esse dinheiro para essas menores despesas... TR3 – Existia uma Associação de Pais e Mestres de São Caetano que é chamada AGITH. É uma Instituição que assim o nosso esporte é um esporte caro e a prefeitura ela bancava com as despesas dos professores, pagava o salário dos professores, pagava o salário dos funcionários e pagava as competições, algumas competições.
Reunião Pedagógica	TR1 – no começo e final do ano sempre. E durante o ano quando necessita, não tem uma data específica não. Quando a gente necessita sentar e conversar a gente faz isso ou cada profissional vai repassando informações para o treinador e vão trocando informações. TR2 – Não Relata TR3 – fazíamos reuniões pelo menos uma vez na semana ou no dia que estavam todos os profissionais lá.
Infraestrutura	TR1 – Boa, temos todos os aparelhos importados, temos colchões bons e importados, a única coisa que não temos é uma condição de temperatura ideal. Então por isso o ginásio é um ginásio bom e não excelente. TR2 – quando eu cheguei em São Caetano essa estrutura já era bastante boa, sempre teve muito equipamento e sempre teve recurso de colchão, de equipamento de material importado que tem uma durabilidade e uma segurança muito maior, que você sabe que o cara não vai se machucar e depois devidos aos resultados das equipes principais a gente ainda conseguiu mais recursos, mais equipamentos, equipamentos auxiliares de treinamento e preparação física... TR3 – A estrutura mudou muito, mas era boa para mim, boa para o alto rendimento e com o passar do tempo foi melhorando, melhorando e melhorando. Até 2016 que foi meu último ano no clube a estrutura era muito boa e de 2013 a 2016 eu vou te falar que era uma das melhores estruturas do país, tinha todos os aparelhos importados de última geração vindos da Alemanha.

Os treinadores e atletas têm um apoio importante da instituição, que estrategicamente estabeleceu a associação de pais, e assim garante a continuidade dos recursos, enquanto for de seu interesse também. O nível de qualificação profissional deste setor garantirá o melhor desenvolvimento do clube, alunos e resultados tendo em vista práticas mais alinhadas com a realidade dos atletas.

Para alcançar os melhores resultados o clube ou agremiação esportiva necessita de mão-de-obra qualificada tecnicamente, e isto implica em conhecimento acadêmico e prático na área de atuação. Apesar dos estudos em torno dos profissionais em educação física, os trabalhos têm sido focados em torno da formação e área de atuação, ou seja, estes profissionais têm ganhado cada vez mais espaço com a valorização de mercado.^(22, 23)

Tendo em vista as funções atribuídas ao Clube Serc Santa Maria que mantém a modalidade por meio de verba pública conforme descrito pelos entrevistados e o Agith ser uma Associação de Pais conforme TR1 descreve “sem fins lucrativos”. E, se mantém por meio de mensalidades pagas por todos os atletas, ou seja, da iniciação até o alto rendimento, ou seja, usam recursos próprios para investirem na formação esportiva em longo prazo.

Por meio deste apoio do Serc e Agith, observamos que o ginásio tem uma estrutura adequada de trabalho com aparelhagens oficiais e muitos materiais auxiliares para o desenvolvimento da ginástica no clube, e segundo De Bosscher *et al.* ⁽²⁴⁾ a infraestrutura adequada é um dos pilares para o sucesso no âmbito esportivo.

Seleção de Talentos

Neste sentido, além das funções técnicas, os treinadores exercem grande capacidade de promoção de novos talentos. O Quadro 3 apresenta o processo de seleção de talentos no clube.

Quadro 3. Seleção de Talentos na opinião dos Treinadores

Subcategoria	Recorte do Discurso
Periodicidade	TR1– existem dois testes por ano. Um em fevereiro, normalmente quando começam as aulas e outro em agosto quando retornam das férias também.
	TR2 – o Agith sempre promoveu testes de talento...
	TR3 – nós fazíamos duas avaliações, a gente via o número de vagas que tínhamos para cada classe.
Critérios de	TR1 – É feito um pseudo teste. No masculino você não tem muito o

Seleção	que fazer de teste porque a quantidade de procura é muito pequena. TR2 – na avaliação eram feitos alguns testes gerais e específicos de força, velocidade, habilidades dessas crianças e, essas crianças eram pesadas e medidas também pra ver o tamanho, o crescimento corporal com relação à idade. Alguns testes que eu lembro eram subida na corda, corrida, hum (pensando) salto em distância, alguns exercícios específicos de ginástica como: rolamentos, estrelas, flexão na barra... Enfim, flexibilidade, teste de força e flexibilidade em geral. TR3 – a gente fazia uma avaliação geral, aptidão física e comportamento então, tudo isso englobado para ver qual nível que a criança se encaixaria e qual classe (turma) a criança se encaixaria.
Instrumento de Avaliação	TR1 – ah, tem uma ficha, um fichário (pensando), isso muda né. Este teste não é fixo, esses testes não são fixos e há pouco tempo já mudaram o modo de se fazer o teste. TR2 – nós tínhamos uma ficha de avaliação que tinha lá os fatores que eram relevantes, fazia-se um aquecimento geral em que era observado a parte de flexibilidade e depois exercícios mais específicos para questão de força e explosão e por fim nessa ficha tinha também peso e altura dessa criança. TR3 – então tinha a avaliação nutricional, avaliação postural com o fisioterapeuta e tinha a avaliação física em questão, observava se a criança já tinha subido no aparelho, o que ela sabia fazer, o jeito que ela conseguia andar, correr, flexibilidade e nós tínhamos alguns exercícios de preparação física básica.
Avaliação Continuada	TR1 – vai se observando a parte gradativa, a parte de noção espacial dela e a parte de evolução técnica dela. TR2 – o que acontecia é que essa criança começava a fazer parte dessa escolinha e os treinadores e professores que davam aula da escolinha, iam observando essas crianças e com essa observação faziam indicações para que essas crianças pudessem passar para o próximo nível. Então claro baseado muito no biotipo mais também no nível de habilidade dessa criança e, essa criança era convidada a passar para a próxima turma. Era mais do feeling dos próprios

	treinadores, existia conversas entre os treinadores e o professor que estava cuidando da escolinha é para sentir não só as questões físicas mais também a questão da disponibilidade, do comportamento do atleta que é sempre muito importante a disciplina. Não existe nenhuma avaliação formal. TR3 – o professor dava este <i>feedback</i> para gente... A gente sempre estava de olho nas crianças. Então a gente via o comportamento da criança... As vezes a gente avaliava a criança, chamava a criança “a deixa eu ver isso” sabe pedia para ver alguns exercícios para avaliar, alguns exercícios super-rápidos não era uma avaliação marcada... Era uma avaliação assim aleatória, assim deixa eu ver isso, deixa eu ver parte de força, flexibilidade, parte técnica da ginástica é tudo, parte corporal enfim... um geralzinho rápido e conversava com o professor e então professor dava um feedback para gente... Era mais visual.
Turmas	TR1 – por idade, por nível técnico e aptidão às vezes. TR2 – Mas eu não sei se precisar quantas turmas tinham, eu sei que de treinamento em geral eram quatro equipes: pré-infantil, infantil, juvenil e adulto, na verdade talvez ainda tinha uma quinta equipe que seria a equipe de pré- treinamento. TR3 – então o número de criança, o de meninos praticando eram menores que o de meninas. Então, as classes masculinas eram bastante reduzidas porque a procura era menor.
Carga Horária	TR1 – as escolinhas duas vezes por semana uma hora. Depois tem os grupos que começam a treinar está denominação “pré-treinamento” e, que passam a três vezes por semana duas horas mais ou menos, depois três vezes por semana três horas e depois todos os dias três horas. TR2 – tinha o pré-treinamento que eram uma hora e meia e depois aí começava três vezes por semana três horas, isso para o pré-infantil e quando chegava no infantil já era treinamento todos os dias de três a quatro horas inclusive sábados. Daí para frente a carga já ia aumentando muito, o juvenil é os meninos faziam alguns dias de dois períodos e depois outros dias de quatro horas inclusive sábado.

	TR3 – tinham crianças que vinham cinco vezes na semana, crianças que vinham três e geralmente três horas por dia, dependendo da necessidade da criança pela adaptação ou à não adaptação. A gente reduzia o número de dias ou o número de horas. E, então a criança vinha fazia por três vezes na semana, três horas é o ideal para ela se adaptar e se ela não conseguisse a gente tentava mudar, ao invés de três horas, vinham duas horas e aí iria aumentando gradativamente.
--	---

Existem dois testes ao ano, tanto para os meninos quanto para as meninas, conforme os entrevistados relatam sobre o recrutamento de novos ginastas, o que está atrelado ao calendário escolar e considera os possíveis desistentes durante o ano, e viabilizam novas oportunidades para talentos ainda não presentes.

A divulgação deste processo acontece por meio das redes sociais. TR1 relata que é um “pseudo teste... porque a quantidade de procura é muito pequena.” Mesmo com a procura pequena todos os meninos fazem a avaliação para ingressar e são direcionados às suas respectivas turmas de acordo com a faixa etária. A flexibilidade, a coordenação motora geral e as capacidades motoras de força são capacidades treináveis que podem ser desenvolvidas ao longo da carreira do atleta e podem alcançar um nível satisfatório que atenderia às demandas da modalidade⁽²⁵⁾.

Para os treinadores, os critérios de seleção são: força, flexibilidade, agilidade, coordenação e avaliação antropométrica de peso e altura. São selecionados meninos entre cinco e nove anos de idade o que vai de acordo com a literatura⁽²⁶⁾. Já as turmas são divididas por idade e não existe uma avaliação formal para a progressão destes ginastas, (ou seja, permanecem no mesmo grupo) e os professores/treinadores vão observando o desenvolvimento individual dos alunos nas turmas e conversam sobre a progressão do ginasta em questão, ou seja, depende muito da experiência profissional do treinador.

Planejamento de treino

Do ponto de vista do sistema de treinamento implementado no clube, há relação com as experiências vivenciadas em outras instituições, bem como sua formação técnica. O Quadro 4 apresenta um recorte dos métodos implantados pelos treinadores no clube, o qual cada um tem o seu planejamento de acordo com a categoria que trabalha. O sucesso em qualquer área será o resultado de planejamento, trabalho árduo e comprometimento⁽²⁷⁾. Os depoimentos confirmam o sucesso que o clube vem almejando ao longo dos anos.

Quadro 4. Sistema de planejamento de treino na opinião dos Treinadores

Subcategoria	Recorte do Discurso
Planejamento	TR1 – cada treinador tem seu planejamento com seus atletas e com seu grupo. TR2 – existia planejamento e sempre foi feito. Enfim... teste de força existia preparação física por escrito, pelo menos eu sempre fiz isso com meus meninos e aí a progressão conforme as séries obrigatórias no início e, é claro que o desenvolvimento do básico que era importante para o que eles iam desenvolver lá pra frente com a ginástica. TR3 – a gente montava o planejamento para cada categoria dentro das regras de cada categoria...
Etapa Preparatória	TR1 – eu trabalho com o método Verkhoshansky⁽²⁸⁾ que é de blocos, que o primeiro período é trabalho acumulativo, acumulação de força. Depois se trabalha a parte mais técnica, mais elementos, partes de séries e essas coisas. TR2 – Uma parte é inicial do ano que sempre era considerado a pré-temporada e focava muito no recondicionamento físico desse atleta, essa era a primeira parte do nosso ano. A segunda parte era trazer o elemento técnico e aumento o volume da parte técnica pra criar os elementos, pra fazer com que eles atingissem os elementos, os exercícios que eles precisavam para a questão competitiva. TR3 – eu organizava pelo calendário de competição, recebia e fazia a primeira etapa de preparação, janeiro mais ou menos de ganho de força, retorno de férias, técnica e tal. Eu montava em ciclos o primeiro ciclo era preparação física e básico, depois entrávamos em aprendizagem de exercícios novos começando um novo ciclo...
Etapa Competitiva	TR1 – E depois você entra em uma parte mais de competição, competitiva mesmo. Então eu divido o meu trabalho em três blocos. TR2 – pré-competitivo já próximo a competição em que era trabalhado muito volume de série, nós tínhamos treino de equipe os quais os meninos tinham que realizar a série deles com perfeição,

	sem queda e sem erros maiores. TR3 – Chega na época competitiva e pré competitiva que basicamente já tem a estrutura de como vai ficar a série de cada um para a categoria juvenil e adulta. E a categoria pré- infantil e infantil já tem mais ou menos um esboço de qual nível de série que eles irão apresentar em cada aparelho, não que isso mude porque, isso muda conforme os treinamentos e a criança pode evoluir ou regredir...
Monitoramento de Carga / Testes	TR1 – faz teste de força porque eles fazem o trabalho de força, você tem avaliação técnica, você tem avaliação psicológica deles que é quanta carga ele aguenta, você tem teste (pensando) de competição também. Para ver como ele vai se comportar na competição. Tudo isso é avaliado no dia a dia. TR2 – sempre foi feito enfim, o teste de força... o que existia muito era controle na execução de série ou de elemento. O que eu colocava no papel era isso, eu punha lá: o cara tem que fazer dez <i>tsukahara</i> no salto entendeu? Quantos ele acertou? Quantos ele errou? E controlava a partir de erro, acerto e série principalmente, desde muito cedo na temporada a gente fazia parte de série, sequência dois ou três exercícios juntos ou então meia e meia série e então colocava no papel o número de acertos e erros... TR3 – muito visual para ver como o atleta estava se comportando no aparelho, então às vezes o resultado era visto dentro do aparelho no exercício, tinha atletas que eram mais fracos em membros superiores então, ele tinha mais dificuldades nas argolas. Então com esta planilha de treinamento específico de membros superiores para este atleta, seriam avaliados os exercícios, qual desempenho ele estava tendo naquele exercício, se não estava aprendendo nenhum exercício, pois ainda se sentia fraco, então o treinador reavaliava aquele treinamento de força e de musculação que ele estava fazendo...

O treinamento dos atletas está subdividido em técnico e físico e independente da categoria que o mesmo se encontra, e desta forma a instituição Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul passa a ter maior controle de suas turmas na execução do planejamento de

treino e competição. A competição nacional é direcionada pelo regulamento técnico⁽²⁹⁾ da CBG e a Federação Paulista de Ginástica segue o mesmo molde da CBG, ambas respeitando as regras da FIG.

O entrevistado TR3 demonstra a preocupação de montar seu planejamento de acordo com o calendário, e Gomes⁽³⁰⁾ define o calendário esportivo como uma relação sistematizada de competições planejadas e oficializadas pelas organizações desportivas (federações, comitês, clubes, entre outras), com indicação de datas, lugares e denominações. Temos observado que as federações não disponibilizam o calendário esportivo nacional no início da temporada/ano e que os treinadores baseiam seu planejamento de acordo com o calendário esportivo do ano anterior, o que pode implicar em má execução do planejamento, em que os ginastas podem não chegar com seu potencial máximo nas competições. Isto pode afetar as fases de desenvolvimento dos ginastas, e para a instituição a dificuldade de se programar financeiramente para custear as competições.

Sobre as etapas do treinamento, ambos entrevistados seguem sua linha de trabalho de acordo com a categoria a qual trabalham. E, apesar disso, todos se ajudam dentro do treinamento e da escolinha, o que propicia entrosamento entre os profissionais e atletas. Somente TR1 cita que segue modelo de periodização em blocos. Esta periodização é dividida em três blocos, onde o bloco A tem o maior volume, bloco B tem o volume diminuído a níveis ótimos e o bloco C tem como objetivo apresentar níveis máximos onde o atleta está pronto para participar de competições de maior importância^(8, 28). Desta maneira, os entrevistados estão de acordo em suas etapas de treinamento e competição.

Existe a preocupação individual com cada ginasta, conforme TR3 cita que “a categoria pré-infantil e infantil a gente já tem mais ou menos um esboço de qual nível de série que eles vão apresentar em cada aparelho”, pois os ginastas em seu determinado gênero possuem particularidades em relação a seus aparelhos e similaridades quanto a requisitos físicos impostos pela modalidade⁽³¹⁾. Cada ginasta tem seu tempo para aprender e fixar determinado elemento (exercício), por exemplo, ao ensinar o mortal para trás grupado no solo, determinado ginasta aprendeu em uma semana, enquanto outro ginasta aprendeu em dois meses. Assim, na execução do planejamento a individualidade de cada atleta era respeitada como também o olhar de que não adiantaria fazer o elemento de qualquer maneira, pois isto acarretaria problemas futuros para a progressão do elemento (exercício), para o próprio ginasta e também para sua segurança.

Segundo os entrevistados, os atletas são monitorados e avaliados fisicamente, tecnicamente e psicologicamente, com a ajuda da equipe multidisciplinar que é formada por médica, fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga e biomecânico. E, que segundo Rubio⁽³²⁾, a aproximação destes profissionais permite esclarecer os aspectos inerentes ao melhor desempenho e possibilitaria a manutenção do rendimento do atleta. Estes profissionais passam a não somente exercer funções operacionais, mas são geradores de conteúdo e informações importantes em nível de gestão, as quais se configuram como importante instrumento de trabalho e geradoras de resultados.

Escola e Família

A família também exerce papel preponderante no conjunto dos resultados o que garante suporte a todo o aparato técnico. O Quadro 5 (Escola e Família) expõe esta visão por parte dos treinadores quanto ao papel da família no desempenho dos atletas e, por sua vez, nos resultados.

Quadro 5 - Escola e Família na visão dos Treinadores

Subcategoria	Recorte do Discurso
Importância Escolar	TR1 – Não Menciona TR2 – a parte escolar é bem complicada assim, eu acho que na teoria existe algo que me foi dito lá que essa criança teria que ter nota e teria que ter enfim... presença na escola para poder estar participando, essa seria uma regra da associação da Agith, mas a partir do momento que essa criança vai se desenvolvendo vai conseguindo resultado e mostra talento e potencial para chegar mais para frente isso acaba sendo esquecido, não é muito mais visto, e acaba muitas vezes caindo num problema de falta de estudo mesmo. TR3 – Bom, no Serc a gente procurava ajudar na questão escolar e então, existiam escolas da prefeitura que eram para munícipes e quando tinha atletas de outras cidades e ai ficaria mais fácil para o atleta estudar na cidade e treinar na cidade.
Apoio Familiar	TR1 – no treinamento a família é essencial, sem família você não faz nada. TR2 – A criança precisa do pai, pois ela não tem toda a consciência

	de tudo aquilo que acontece com ela. Ela não tem como decidir sozinha, se for levar a criança para competir, precisa de autorização do pai, se for dar comida diferente para a criança, tem que pedir para o pai, por quê? Porque o pai é que está ali o dia inteiro, no dia a dia e sabe quais as necessidades individuais dessa criança. TR3 – olha a importância dos pais é essencial e eu vou lhe dizer que o atleta precisa do suporte da família, ele não precisa que a família exija dele resultado porque quem vai exigir resultado é o treinador. A família tem que dá suporte. A família tem que dar suporte nos momentos que o atleta quer desistir e está cansado, os pais têm que estarem ali para dar o suporte para o atleta e para ele continuar no esporte, entendeu!?
Relação com os Pais	TR1 – não vou falar que são todos, mas no geral é relação sossegado, a gente tem relação (pensando), a gente tem exemplos dentro do ginásio, exemplos de alto nível, exemplos de sucesso dentro do ginásio que acaba fazendo os pais pensarem duas vezes quando vão falar ou debater alguma coisa conosco. Então a relação com os pais é bem tranquila, eu acho que... a gente tem problemas com alguns pais de vez em quando mais é pontual. TR2 – Bom, a relação dos pais com o treinamento era bastante complicada assim porque é claro que havia certa proximidade e a gente sempre tentava manter contato com os pais da melhor maneira possível. Mais os pais não podiam assistir treino e ficar lá opinando até para manter ordem no ginásio coisa e tal. Mais eu sempre fui um cara que gostei de conversar com o pai, acho que era importante, sempre achei importante ter essa dimensão do que o pai está pensando sobre o filho dele, quais são os objetivos e de novo entra sempre na mesma coisa a família, principalmente quando se trabalha com o pré-infantil, infantil e até o juvenil é sempre importante ter os pais por perto assim eu acho que o pai leva e traz, pai banca muita coisa, pai tem que ter essa conversa. Agora daí para frente era muito limitado, até eu acredito que tem que ser mesmo porque o conhecimento técnico é do treinador, e se o pai começar a falar para o

	treinador o que o treinador tem que fazer, aí a coisa não rola mais muito, acho que tinha uma relação bastante razoável na verdade. TR3 – eu acredito que os pais confiavam muito no trabalho do Serc, é trabalho de muita disciplina e muito respeito, era trabalho que educava as crianças não só para o esporte mais educava para a vida.
--	--

Não somente a parte técnica, quando se trata do esporte, será precursora de resultados, pois transita em aspectos cognitivos, ou seja, a presença do treinador, do clube e da família reforçam a base necessária para os atletas, produzindo assim muitos pontos de difícil análise. Além de exigência de mercado, esta qualificação por parte dos treinadores passou a ser um diferencial na formação destes profissionais, haja vista as demandas de mercado e as competições de alto rendimento.

Principalmente na GA, na qual as crianças começam cedo a sua carreira competitiva, a participação dos pais é muito presente e o comportamento deles pode influenciar como apoio ou fonte de estresse. Dessa forma, a equipe técnica precisa identificar e conectar as características destes pais, estabelecer relação adequada com eles e assim propiciar condições para que o atleta alcance suas metas, podendo desenvolver seu máximo potencial⁽³³⁾.

Na verdade, existe atribuição importante no papel e apoio dos pais, apesar de TR2 achar a situação complicada pelos pais não assistirem o treino e pela possível intromissão dos pais no treinamento. “No período que era realizado o trabalho a convivência era muito tranquila, os pais assistiam o treinamento aos sábados. Estes pais, de alguma forma, se juntavam e faziam salada de frutas para os atletas comerem no final do treino, faziam café da manhã, havia almoço com os atletas, pais e toda a equipe. Tudo era feito para criar proximidade entre todos. Havia reuniões e/ou conversas individuais para explicar o funcionamento da instituição, o papel dos pais, assim como TR1 menciona que no treinamento a família é essencial. Os pais têm que saber o que está acontecendo com seus filhos, e se tornar parte do trabalho. Os pais podem passar alguns problemas e dificuldades que os filhos se encontram, como: não saber lidar com a separação dos pais, recuperação na escola, desânimo, desmotivado, medo, entre outras situações”.

Por ser uma instituição mantida parcialmente pelos pais, a relação com os envolvidos na AGITH acaba aproximando os pais com o esporte, eles entendem como funciona o trabalho realizado no clube e ajudam bastante nesse crescimento. Claro que existiam exceções, porém, eram mínimas.

Conclusão

O presente estudo possibilitou visualizar o desenvolvimento da GAM no clube Serc Santa Maria/Agith, especificamente, o processo de formação nas categorias de base, o qual enxergamos como um trabalho árduo, onde os resultados não são em curto prazo, o que requer de todos os envolvidos muita dedicação, empenho e estudo.

A qualificação técnica aprofundada (pós-graduação, cursos técnicos e experiência) contribuiu em muito na visão diferenciada dos treinadores sobre os temas mais importantes para a formação de um ginasta. Na opinião dos treinadores os seguintes temas foram apontados como importantes no processo de formação esportiva na ginástica artística masculina: Organização da Instituição (enquanto clube, associação, reuniões e infraestrutura); Seleção de Talentos (Periodicidade, Critérios de Seleção, Instrumento de Avaliação, Avaliação Continuada, divisão das Turmas e Carga Horária); Sistema de planejamento de treino (Etapa Preparatória, Etapa Competitiva e Monitoramento de Carga / Testes); e Escola e Família (Importância Escolar, Apoio Familiar e Relação com os Pais).

Os depoimentos das entrevistas indicam que na etapa inicial de treinamento das crianças deveria haver avaliações do ponto de vista técnico e físico, seguidas da alocação delas em suas respectivas categorias, com treinadores específicos, para o pleno desenvolvimento de atividades compatíveis com o seu nível de treinamento e de acordo com sua capacidade.

A pesquisa também permitiu verificar que a forma de treinamento dos atletas está subdividida em técnico e físico independente da categoria que ele se encontra e, desta forma, a instituição Serc Santa Maria/Agith São Caetano do Sul desenvolve maior controle de suas turmas na execução de planejamento de treinamento e competição. A instituição apresenta um trabalho focado neste início da criança na ginástica, pois através de uma preparação correta, acompanhamento multidisciplinar e treinadores preparados que o clube poderá almejar ainda mais resultados. Além de treinadores qualificados, o clube dispõe da equipe multidisciplinar formada por médica, fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga e biomecânico. O número de treinadores pode ser considerado um fator limitante da pesquisa, entretanto, reflete o quadro atual da formação da GA brasileira nos clubes.

Por fim, este estudo visou contribuir com a experiência de uma instituição e de treinadores os quais contribuem com o desenvolvimento de atletas, que seriam exemplos de demonstração de potencialidades e fragilidades no processo de formação de atletas. O clube pode servir como modelo de sucesso devido a sua estrutura e resultados, podendo ser utilizado

como base para outras instituições se desenvolverem na modalidade, visto que no Brasil o número de participantes ainda é reduzido. Infelizmente, os resultados internacionais do Brasil não condizem com os investimentos na modalidade, ou seja, o trabalho de formação de base tem que continuar sendo executado de forma eficaz.

Acreditamos que o resultado deste artigo lançará novo olhar e reflexões sobre o trabalho de base e a alta relação com o desenvolvimento de futuros atletas. Seria interessante estudar outras instituições para que esses dados venham ser comparados e refletidos, visando um modelo “adequado” para o treinamento de base da Ginástica Artística Masculina no Brasil.

Referências

1. Smolevskiy V, Gaverdovskiy I. Tratado general de gimnasia artística deportiva. Barcelona: Paidotribo; 1996.
2. Arkaev LI, Suchilin NG. Gymnastics: How to Create Champions. Oxford: Meyer & Meyer Sport; 2004.
3. Jemni M, Sands WA, Friemel F, Stone MH, Cooke CB. Any Effect of Gymnastics Training on Upper-Body and Lower-Body Aerobic and Power Components in National and International Male Gymnasts? J Strength Cond Res. 2006;20(4):899-907. doi:10.1519/R-18525.1.
4. Nunomura M, Carbinatto MV, Carrara PDS. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. Pensar a Prática. 2013;16(2):469-83. doi:10.5216/rpp.v16i2.17345.
5. Nunomura M, Carrara P, Carbinatto MV. Análise dos objetivos dos técnicos na Ginástica Artística. Motriz: J Phys Ed. 2010;16(1):95-102.
6. Nunomura M, Oliveira MS. Centro de excelência e ginastica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. Motriz. 2012;18(2):297-312.
7. Schiavon LM, Paes RR, Toledo Ed, Deutsch S. Panorama da ginástica artística feminina brasileira de alto rendimento esportivo: progressão, realidade e necessidades. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2013;27:423-36.
8. Goto M, Carrara P, Oliveira H, Nunomura M. Towards the olympic gold: The training plan on the gymnastics rings. Sci Gym J. 2022;14(2):145-57. doi:10.52165/sgj.14.2.145-157.
9. ABCDOABC. Zanetti e dois atletas juvenis vão representar SCS na Seleção Brasileira. 27 de fevereiro ed. São Caetano do Sul 2018.

10. Cervo AL, Bervian PA. Metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2002.
11. Minayo MCS. Introdução à metodologia de pesquisa social. São Paulo: Hucitec/Abrasco; 1998.
12. Negrine A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO VT, ANS, editor. A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Sulina; 2010. p. 61-94.
13. Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa. Portugal: Edições 70; 2011.
14. Bettanim MR, Nunes HFP, da Silva CS, Drigo AJ. Atividade de treinador de futebol no Brasil: ofício ou profissão? Rev Bras Ciênc Movim. 2017;25(1):212-9.
15. Nunomura M. A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística: os modelos internacionais. Rev Bras Ciênc Movimento. 2004;12(3):63-9.
16. Abt JP, Sell TC, Laudner KG, McCrory JL, Loucks TL, Berga SL et al. Neuromuscular and biomechanical characteristics do not vary across the menstrual cycle. Knee Surg Sports Traumatol Arthrosc. 2007;15:901–7. doi:10.1007/s00167-007-0302-3.
17. COB - Comitê Olímpico do Brasil. Academia Brasileira de treinadores. Comitê Olímpico do Brasil. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/sobre-o-cob/instituto-olimpico-brasileiro/academia-brasileira-de-treinadores>. 2021. Acesso em: 13 maio 2021.
18. FIG - Fédération Internationale de Gymnastique. Academies: The Fig Academy Programme. FIG. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/pages/education-academies.php>. 2021. Acesso em: 15 maio 2021.
19. FIG - Fédération Internationale de Gymnastique. Academies: Academic Coaches. FIG. Disponível em: https://www.gymnastics.sport/site/coaches/coa_view.php#filter. 2022. Acesso em: 7 fevereiro 2022.
20. Brasil VZ, Ramos V, de Barros TEdS, Godtsfriedt J, do Nascimento JV. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. Movimento. 2015;21(3):815-29.
21. Azevêdo PH. O Esporte como Negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. Revista EVS. 2009;36(5):929-39.
22. Brasil VZ, Ramos V, de Souza JR, de Barros TEdS, do Nascimento JV. As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. Movimento. 2016;22(2):403-16.
23. Cardoso I, Batista P, Graça A. A identidade do professor de Educação Física: Um processo simultaneamente biográfico e relacional. Movimento. 2016;22(2):523-38.

24. Veerle De Bosscher JBSS, Maarten van Bottenburg, Paul De Knop. Sports Policy factors Leading to International Sporting Success. Oxford: Meyer & Meyer Sport (UK); 2007.
25. Tricoli V, Serrão J. Aspectos Científicos do Treinamento Esportivo Aplicados à Ginástica Artística. In: Nunomura M, Nista-Piccolo V, editors. Compreendendo a ginástica artística. São Paulo: Phorte; 2005. p. 143-52
26. Nunomura M, Pires F, Carrara P. Análise do Treinamento na Ginástica Artística Brasileira. Rev Bras Ciênc Esporte. 2009;31(1):25-40.
27. Bompa T. Total training for young champions. Champaign: Human Kinetics; 2000.
28. Verkhoshanski YV. Treinamento Desportivo. Teoria e Metodologia. Porto Alegre: Artmed Editora; 2001.
29. CBG - Confederação Brasileira de Ginástica. Regulamento Técnico Campeonatos Brasileiros - GAM - 2022. Regulamentos. Aracaju: Confederação Brasileira de Ginástica; 2022.
30. Gomes AC. Treinamento desportivo: estruturação e periodização. Porto Alegre: Artmed; 2009.
31. Salmela JH. Task demands and career transitions in gymnastics: From novices to experts and the stages of learning across the career. In: Jemni M, editor. The Science of Gymnastics: advanced concepts. 2 ed. Abingdon, UK: Routledge/Taylor & Francis; 2018. p. 139-50.
32. Rubio K. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. Psicol cienc prof. 1999;19:60-9.
33. Nunomura M, Oliveira MS. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística: a perspectiva dos técnicos. Rev Bras Educ Fís Esporte. 2014;28(1):125-34.